

Coleção Vidas em cordel:

A coleção Vidas em Cordel, parte integrante da exposição de mesmo nome, é uma homenagem aos 30 anos do Museu da Pessoa, um museu virtual e colaborativo de histórias de vida. Os depoimentos, transformados em versos por Jonas Samaúma, fazem parte de um acervo com mais de 18 mil histórias de vida. Para visitar o Museu da Pessoa e saber mais sobre esta e outras histórias, acesse www.museudapessoa.org ou aponte seu celular para o Qrcode abaixo:



KAKÁ WERÁ: O PÁSSARO DE MIL VOZES

Eu vou contar uma história
Sobre a vida de um guerreiro,
Um pássaro mensageiro,
Um guardião da memória;
Um oceano de glória
Sua palavra alcançará,
O horizonte brilhará
No sol da sua retina.
Sua vida nos ilumina
Com vocês: Kaká Werá.

Em São Paulo ele é nascido,
Tapuia é que é seu povo,
Porém nesse mundo novo
Já estava ele inserido,
E buscaria um sentido
Nos saberes ancestrais
Vindos de Minas Gerais,
Nessa vida de migrantes,
Buscadores, caminhantes,
Assim eram os seus pais.

Tinham nomes portugueses:
Pai, Miguel, e mãe, Maria,
Para atrair simpatia,
Quem sabe, por alguns meses.
Pois não foram poucas vezes
Que o tal do preconceito
(E eu não sei mais se tem jeito)
Apaga a diversidade,
Destruindo a identidade,
Metendo o chumbo no peito.

Uma lembrança bem forte
Na sua memória interna
É da figura materna
Que até hoje sopra um norte,
Mas que cedo teve morte...
Se no quintal nasce planta
Que para a asma adianta,
Pra ninguém se adoentar
Ela já fazia um chá
Antes de fazer a janta.

Jonas Samaúma é contador de histórias, rezador, educador ambiental e escreve livros desde criança, tendo publicado 6 livros e 2 cordéis: "Ganesha" e "Lula Livre - O Dia Em Que Chico César Libertou o Brasil". Aprendeu a arte de cordelizar na íntima convivência com seu pai José Santos e no período que morou com o mestre do cordel Manoel Inácio do Nascimento no Ciclovida, sertão do Ceará. É criador do *Poetarot* e *Contarot de Histórias* e um dos criadores do Programa Vidas Indígenas no Museu da Pessoa. Para conhecer o trabalho do autor siga o instagram @jonasamauma ou escreva para o email: jonas.samauma@gmail.com

Artur Soar é baiano nascido em Salvador, descendente direto de gravadores de pedra da Chapada Diamantina. É amante da cultura popular e além de gravador é músico, compositor, capoeira e poeta. Conheceu a arte vendo seu pai entalhando pedras ardósia, e suas aventuras com a gravura começaram nos primeiros anos em que viveu em Lençóis-BA. Integrou diversas exposições coletivas na Bahia e teve sua primeira exposição individual internacional em Brighton-UK (2019). Participou e ganhou prêmios pelo Brasil, como o prêmio IBEMA de Gravura em Curitiba-PR (2015); exposição de 30 anos do Museu Casa da Xilogravura - Campos do Jordão-SP (2017) e o concurso de Artes Plásticas do Goethe Institut - Porto Alegre-RS (2019). O reconhecimento nacional do seu trabalho rendeu a indicação para ser professor de Xilogravura do maior e mais célebre atelier gráfico da Bahia: oficina do Museu de Arte Moderna da Bahia.

Ficha Técnica:

Autoria: Jonas Samaúma
Curadoria: Museu da Pessoa
Xilogravura: Artur Soar
Designer da Logo: Mariana Afonso
Diagramação: Cordelaria Castro
Impressão: Gráfica e Editora Cinelândia
Revisão e Consultoria:
José Santos e Marco Haurélio

Realização:



MUSEU DA
PESSOA

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Na periferia paulista
O menino foi criado,
Com a mata ali do lado
Que já daria uma pista
Do que viria na vista,
Seja em chuva seja em sol,
Brincava de futebol
Era essa respiração,
Perto da poluição
Entre o carro e o rouxinol.

Mas além de bater bola,
O guri foi estudar.
Dele quiseram gozar
Nesse período da escola,
Tem criança que lhe amola
E, como por gozação
Apelidaram de **Indiã**,
Porque era pequenino,
Magro e também franzino,
Mas com gigante visão.

Coisa que lhe incomodava:
No 19 de abril
As muitas vezes que ouviu
Que “antes o índio caçava”,
Plantava... esse "ava" era trava.
Pois no agora e no aqui,
Ele estava vivo ali
E bastante incomodado
Porque bem ali do lado
Tinha o povo Guarani.

E pensando muito nisso,
Durante o colegial,
Desviando do banal
E firmando o compromisso,
Pois num mundo tão omissos,
Resolveu ser voluntário
Para o povo originário
Quando a terra é agredida
E a água poluída,
Fazer algo é necessário.

Kaká nos conta os mitos,
Ele canta e declama
Viajou com Dalai Lama
E fez muitos outros ritos;
Seus causos são infinitos,
Foi candidato no senado
E também a deputado,
Por uma ação que choca
Também entrou para Ashoka
Pelo que tem transformado.

Sua vida nos ilumina
Através da sua história,
Pois a sua trajetória
De quem cura, fala, ensina.
Mostrando um pouco da sina
Do indígena de cá,
Firmado no maracá
Um artista e ativista,
Que acabem os ruralistas,
Venham mais Kakás Werás!

O brasileiro inda pensa
Que indígena vive pelado,
Intocado e isolado
E, devido a essa crença,
Não vê enorme presença
Que é versátil, sempre apta,
Que muda e que se adapta,
Observa o próprio meio,
Aquilo que de bom veio,
Ele então na hora capta.

Entre tantas as ações,
Uma delas é entrar
Nesse meio escolar,
Trazendo as soluções
E todas essas visões
Pra reduzir o abismo
E curar esse racismo
Que a todo mundo enjaula,
Dentro da sala de aula
Assumir protagonismo.

Conheceu uma liderança
Ali nos anos oitenta,
Que ensina e lhe orienta
A buscar toda lembrança
Dos sábios da pajelança,
Nesse centro de cultura,
Mergulhando na procura,
Foi caçador da memória,
Buscando ouvir a história
Da roça, da pesca e cura.

Andando pelas aldeias,
Encontrando muitos sábios,
Que é raro abrirem os lábios
Para pessoas alheias,
Mas que o saber tece teias
No fio da cosmovisão,
Até que achou o ancião
Cujo nome era Werá:
"Isso você gravará
Nas fitas do coração".

Para o povo Guarani
O pajé é o **Txamoi**,
Que preserva o que se foi
E irá sempre insistir
Pra o rio sempre fluir
Para um lugar sem perigo,
É fugir de ser mendigo
E assumir sua carroça,
É plantar a própria roça
E do sol ser um amigo.

A fonte de consciência
Que era aquele pajé
Foi quem firmou bem o pé
Do Kaká em sua essência;
Depois da adolescência,
Vai morar com o ancião.
Isso foi revolução
No seu caminho sagrado
E por quem foi batizado
Pra seguir sua missão.

Fábulas de Iauareté,
Também **Terra dos Mil Povos.**
Ainda virão livros novos,
Transbordando igarapés,
Nos fazendo cafunés,
Buscando a **terra sem mal**
De maneira genial
E quebra os estereótipos,
Abordando os fenótipos
Da cultura ancestral.

Durante os anos oitenta
Não fez só a oração,
Ajudou a demarcação,
Adquirindo ferramenta.
É então que ele inventa
O Instituto Arapoti,
Que é pra mostrar pra ti
Toda a gama de valores:
Princípios norteadores
Que têm os povos daqui.

Representatividade
Do indígena de fato.
É preciso ter o tato,
Conhecer a realidade
Pra dizer com a verdade
E de um modo mais profundo,
Sem perder mais um segundo,
Seja em prosa ou em verso,
No que ele estava imerso
E de onde era oriundo.

Tem as obras literárias
Que o Kaká produziu,
Se espalham pelo Brasil
Pelas mais diversas áreas.
E elas, sim, foram várias:
Regadas com sentimento.
Uma é **O Trovão e o Vento**
A cosmovisão Tupi.
O xamanismo daqui
E todo seu fundamento.

Seu batismo aconteceu
Dentro da casa de reza.
Em uma opy que se preza
Nanderu o recebeu.
O nome que virou seu
Era Werá Jekupé.
Da cabeça até o pé
Ele estava ali entregue
Pra que a vida então lhe regue
Das palavras do pajé...

Este passou-lhe a cultura,
Recusa da dependência,
Adubou-lhe a consciência,
Saciando sua procura,
Seu caminho é o da cura,
Caminho espiritual,
Esse seu nome é real.
Mais pra frente bote fé,
O nome Werá Jekupé
Ganhou noutro ritual.

Um outro contato forte
Foi com o povo Kraô
Que bastante o transformou
Nessas terras lá do norte,
Porque para a sua sorte
O povo viu um sentido,
Por um filme produzido
Imaginavam contar
Que com o Kaká Werá
Seria bem difundido.

Lá no rio Tocantins
No coração desse povo,
Tem um batismo de novo
Junto a outros curumins;
Entre começos e fins,
Vem outra iniciação,
Ritual da **empenação**
Em meio a mata verde,
Ficou três dias na rede.
Em profunda conexão.

08

Seu espírito foi voar
Vendo corpo lá de cima
Isso logo legitima
E fez ele recordar
As palavras do Werá
Conectou seus ancestrais,
Mas de muito tempo atrás
Talvez de antes do Brasil...
Depois ele cai no rio
Mergulhando em portais.

E essas experiências
Que só o silêncio abarca
Precisava de uma arca
Pra captar essa ciência
E transmitir a influência
Da aldeia Kurukutu,
Com Daniel Munduruku,
Importante precursor,
Viu que sendo um escritor,
Chegaria até tu.

09